

## QUARTO CAPÍTULO: ANÁLISE DOS RESULTADOS

Buscando a aproximação sobre as representações sociais da rua e as relações que se estabelecem entre meninos em situação de rua e entre estes com a instituição pública que os abriga e suas famílias, a partir do material coletado junto a um grupo de adolescentes que tiveram alguma experiência de vida nas ruas da cidade de Goiânia – Goiás e que encontram-se em um determinado abrigo sob a guarda do Estado, nos inspiramos na proposta hermenêutica dialética sistematizada por MINAYO (1993c) conforme explicitamos anteriormente.

Após várias leituras de todo o material coletado nas entrevistas, fotografias e observações, extraímos das falas dos meninos quatro categorias empíricas sobre as quais detalharemos adiante. De acordo com MINAYO (1993c), *“categoria empírica, construída a partir dos elementos dados pelo grupo social, tem todas as condições de ser colocada no quadro mais amplo de compreensão teórica da realidade, e de, ao mesmo tempo, expressá-la em sua especificidade”* (p. 94).

No processo de análise e discussão, trabalhamos portanto, com o confronto entre todos os dados coletados nas falas dos meninos nas entrevistas, nas imagens captadas pelos meninos pelas fotografias e nas nossas observações articulando com o quadro teórico.

Assim, em um primeiro momento apresentamos os atores sociais do estudo e o cenário no qual estão inseridos onde discutimos, também, as relações que se estabelecem entre menino/menino, menino/família e menino/instituição basicamente fundamentados em nossas observações. Em seguida, tratamos das representações que têm sobre a rua através das categorias empíricas “curtição”, “a gente não tem”, “humilhação” e “lei do cano” identificadas nas entrevistas e ilustradas com as fotografias produzidas pelos meninos e que têm relação direta com cada uma das categorias em discussão.

Quanto às fotografias, vale apontarmos neste momento alguns aspectos importantes sobre a nossa leitura em relação ao conjunto das fotografias, antes de iniciarmos a análise dos resultados, visto que estas complementarão a discussão.

Uma vez recolhido o material efetivamente devolvido pelos meninos, providenciamos a revelação. Foram produzidas 85 fotos sendo 19 na primeira câmera, 06 na segunda, 12 na terceira, 25 na Quarta e 23 na Quinta. Para efeito de análise foram numeradas de acordo com o número da câmera e a seqüência no filme negativo (1.1 p. ex.). Depois disso fizemos uma leitura rápida das fotos para conhecê-las um pouco melhor e, depois disso, uma leitura mais apurada procurando descrever os elementos existentes e que compõem a foto. Posteriormente procuramos agrupar as semelhantes para que pudéssemos observá-las, identificar seu significado e elaborar uma síntese por escrito de modo que pudesse ser confrontada com os discursos e com a literatura, conforme explicitamos anteriormente. Retornamos à Casa e mostramos aos meninos suas produções e providenciamos cópias das fotografias que lhes interessaram.

A apuração final nos permitiu observar que esperávamos 216 fotos com as 8 câmeras distribuídas, porém apenas cinco foram devolvidas e destas conseguimos 85 registros efetivos o que corresponde a 63% em relação a estas cinco e 39% em relação às câmeras entregues. Apresentamos estes números apenas para contribuir em traçar o perfil deste corpo de análise pois o que realmente nos interessa são os conteúdos de cada uma das fotos que obtivemos.

Acreditamos que até mesmo a não devolução tem seu significado pois dois dos meninos que não as devolveram, recebiam influências externas de um menino que vivia nas redondezas também porque estavam em processo de desligamento da casa, envolvendo-se novamente com a rua. De acordo com o que nos informou um dos meninos da Casa Abrigo, uma das câmeras fora vendida ou trocada com a finalidade de conseguir alguma droga e, quanto à outra, não identificamos o porquê da não devolução embora acreditemos que tenha sido utilizada com a mesma finalidade das outras.

No princípio, o nosso sentimento foi de frustração. A percepção que tivemos era a de que os meninos não compreenderam nossa solicitação e a explicação de como a câmera deveria ser utilizada, considerando a quantidade de fotos perdidas seja por uso inadequado ou por não terem utilizado a câmera com a finalidade proposta. No entanto, todos que entregaram as câmeras explicaram os motivos que os levaram a tirar poucas fotos, tais como disponibilidade de situações durante o fim de semana, falta de idéias para fotografar, quando saiu à rua esquecera a câmera, por imaginar que o *flash* atingiria a distância pretendida, entre outras. Lembramos o alerta de PERCY (1995), para a possibilidade de

perda de parte do material que, mesmo assim nestas situações, o retorno que se consegue é satisfatório.

Assim, a partir do momento que começamos a adquirir um contato maior com as fotos e o seu conteúdo, começamos a nos aproximar do seu significado pois, ao contrário das falas onde enfatizam a violência, o que sentem falta quando estão nas ruas e a humilhação, as fotografias registram momentos de descontração, liberdade, “curtição” e cenas domésticas.

As cenas de um modo geral mostram pessoas cuja ação se passa em espaços fechados e a rua propriamente dita é mostrada parcialmente. Apenas um dos meninos procurou o grupo com o qual convivia na rua e fotografou-os em uma praça; porém, as cenas mostram o grupo em cenas descontraídas sugerindo que, naquele momento, estavam em um momento de descontração. Percebemos também que o fato dos meninos estarem com uma câmera fotográfica nas mãos foi uma excelente oportunidade para registrarem seus momentos de vida, associando à nossa solicitação. Algumas fotografias mostram imagens deles mesmos desempenhando o papel de “menino de rua”.

Portanto, de maneira geral, a maior parte das fotografias registram os espaços abertos (rua) e fechados (casas, escola ou espaço aberto porém cercado), preferencialmente à luz do dia. O elemento humano está presente em quase a totalidade das fotos. Surgiram ocorrências isoladas e significativas de um rapaz estilizando um adolescente de rua; um ônibus escolar com pessoas em seu interior e apenas três registros onde aparece a polícia ou algo relacionado a ela. Assim, com vistas a uma melhor compreensão do significado das fotografias,

organizamos sua apresentação e discussão de acordo com os três aspectos que identificamos, isto é, a rua e a casa, as pessoas e o cenário mostrado nas fotos.

Os fragmentos das falas citados no texto foram identificados de acordo com o número de ordem na realização das entrevistas (E-1, E-2, E-3 etc.). Quanto às fotografias, sua identificação segue dois critérios concomitantes. O primeiro é o número de ordem de acordo a inserção no texto seguido da identificação da câmera. Por exemplo a “FOTO 10-04”, significa que é a décima foto no texto cuja imagem foi captada na câmera número quatro. Ressaltamos que a numeração da câmera não está vinculada à da entrevista, isto é, a quarta câmera não necessariamente foi entregue ao menino identificado na entrevista como “E-4”.

No sentido de agilizar a discussão, apresentamos a seguir, através de dois momentos, a discussão dos resultados sobre as representações dos atores sociais deste estudo. No primeiro discutimos as características dos adolescentes, da Casa Abrigo e dos educadores que trabalham com os meninos. No segundo discutimos as representações da rua através das categorias empíricas que emergiram dos discursos dos adolescentes.

## **1. INFRA ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA CASA ABRIGO**

### **1.1. CARACTERÍSTICAS DOS ADOLESCENTES**

Cada um dos meninos pesquisados possui uma história de vida distinta e peculiar. No entanto, a violência, a violação dos seus direitos e a pobreza foram constantes em suas falas, permeando momentos importantes nos relatos da vida de cada um. Em cada encontro na Casa Abrigo éramos surpreendidos com um novo detalhe no mosaico que se construía no sentido de compreendermos estas histórias que ora complementava, ora não correspondia àquelas contadas nas entrevistas ou em nossas conversas informais. No início, incomodava-nos este fato mas o convívio ensinou-nos a compreender e respeitar esta situação pois, o tempo nos trouxe a confiança mútua o que favoreceu uma maior abertura.

Durante os três meses de nossa coleta de dados, oito adolescentes do sexo masculino habitavam a Casa Abrigo, com idade em torno dos 14 aos 16 anos. A maioria era procedente de cidades do interior do Estado de Goiás, exceto um deles que viera do interior do Pará. Todos tiveram experiência de vida nas ruas de Goiânia no mínimo por seis meses chegando até a vários anos. Um deles havia chegado à Casa poucos dias antes de iniciarmos a coleta dos dados e outro estava ali há um ano e quatro meses. Assim, o tempo médio de permanência na Casa era de seis meses entre os atores deste estudo. De um modo geral a rotatividade de meninos sempre fora muito grande, embora naquele período não tenhamos observado evasão e/ou inclusão de novos meninos. Isto foi acontecer somente depois do período de nossa coleta de dados.

Todos os meninos são oriundos de famílias pobres e algumas delas ainda vivem em bairros periféricos da cidade de Goiânia e no interior dos Estados de Goiás e Pará. No entanto os vínculos se apresentaram enfraquecidos, rompidos ou, ainda, inexistentes. Mais especificamente, entre os oito meninos, um deles fora abandonado quando criança e não sabe do paradeiro de sua família; quatro deles, embora saibam onde encontrar algum membro da família, não possuem nenhum vínculo com estes; um dos meninos mantém vínculo familiar enfraquecido pela distância que se encontram seus pais pois vivem no interior do Estado do Pará; outro menino, com a morte dos pais, rompeu os vínculos com os familiares mas, eventualmente o avô paterno o procura na Casa Abrigo; encontramos apenas um menino que mantinha contatos regulares com sua mãe e irmãs, as quais visitava periodicamente nos finais de semana conforme informava.

Estes meninos chegaram à Casa sob encaminhamento do Ministério Público – Promotoria da Infância e Juventude, do “SOS Criança” ou Conselhos Tutelares de Goiânia. O motivo comum do encaminhamento dos meninos por estas Instituições à Casa Abrigo é a ausência da família e a permanência destes nas ruas onde estavam se envolvendo com drogas, roubos ou furtos entre outras atividades ilícitas. É importante apontar que os meninos somente são encaminhados a partir do momento que existe o interesse do próprio em sua recuperação, devido ao caráter da Casa de não privação de liberdade. Caso contrário os educadores continuam o trabalho de abordagem e acompanhamento pelas ruas no sentido de alertá-los quanto às implicações e riscos de viverem nas ruas.

Este grupo de oito meninos pareceu-nos bastante integrado havendo um clima de amizade e solidariedade entre eles, embora eventualmente surgissem desentendimentos. Era bastante comum observarmos cenas de ajuda mútua e compartilhamento; por exemplo, se um calçado fosse doado a um deles e este não lhe servisse, certamente o doava a algum colega da Casa. Uma circunstância bastante peculiar era que em determinado dia da semana, acompanhados por um dos educadores militar, buscavam no CEASA – Central de Abastecimento de Goiás S/A, alimentos (hortifrutigranjeiros) que no mesmo dia levavam a bairros da periferia para serem distribuídos às famílias pobres com crianças. Este era um momento especial de troca onde percebíamos a satisfação dos meninos que se envolviam nesta atividade.

Porém, no processo de convivência entre seres humanos é bastante comum surgir desentendimentos. Entre estes meninos, em franco período de adolescência, quando os ânimos naturalmente estão exaltados, obviamente algumas situações de desavenças ocorrerem. Certa vez, o que se resolveria como apenas mais uma discussão verbal acirrada mas sem maiores conseqüências entre dois meninos, chegou à agressão física e os educadores perderam o controle da situação sendo necessário a intervenção policial. No entanto, uma vez resolvida a questão entre ambos, dois ou três dias depois restabeleceram relações de cordialidade.

A leitura de SILVA (1993) levou-nos a compreender que, a convivência entre meninos e meninas em situação de rua expressa uma solidariedade que surge a partir de problemas concretos e comuns vivenciados por eles mas, ao mesmo tempo, conflitos ou desconfiança aparecem em relação



aos colegas do grupo no qual está inserido ou até mesmo com outros grupos. No entanto, ainda segundo este autor, em determinadas circunstâncias a necessidade individual se sobrepõe à do grupo o que leva geralmente a uma ruptura das regras existentes em benefício da própria sobrevivência.

No processo de coleta de dados, observamos que ao longo do tempo, alguns meninos, provavelmente devido à insatisfação com o que encontraram na Casa, às dificuldades de adaptação às rotinas estabelecidas, ao envolvimento com atos ilícitos externos, ou ainda pelo fato de continuarem dependentes de algum tipo de droga, deixaram a Casa voluntariamente ou foram desligados. Portanto ao longo deste processo sucederam-se fatos que, aos poucos, modificaram a vida dos meninos que tomou rumos até mesmo inesperados pela equipe de profissionais da Casa.

Assim, no que se refere ao primeiro menino, embora estivesse trabalhando com vínculo formal em uma empresa e preparando-se para o desligamento da Casa pois estava prestes a completar dezoito anos, abandonou tudo e retornou à rua onde ainda tinha alguns conhecidos. Soubemos, posteriormente, de um provável envolvimento deste com drogas e de um assalto pelo qual permaneceu preso por algum tempo. Ao ser liberado procurou um albergue onde atualmente dorme e, durante o dia, procura por trabalho porém mantém, ainda, fortes laços com outros meninos que vivem na rua.

O segundo menino permaneceu na Casa por cerca de um ano e meio e apresentava grande dificuldade de relacionamento, manifestando-se muito pouco mesmo quando solicitado. Seu comportamento sugeria aspectos persecutórios porém, procurava manter-se ajustado às rotinas da casa,

trabalhando meio período e estudando. Saiu da Casa a pedido para viver com a avó. Retornou à Casa algum tempo depois, integrando ao convívio e inserindo-se no mercado formal de trabalho.

O terceiro também ficou na Casa por pelo menos mais um ano depois do período de coleta de dados. Trabalhou por muito tempo em uma engarrafadora de refrigerantes sendo demitido devido à redução de pessoal nesta empresa. Frequentou um curso de formação de garçons e, ao terminá-lo foi desligado da Casa por dois motivos concomitantes. O primeiro, por ter atingido a maioridade e o outro, por ter se envolvido com brigas e drogas na rua. Informou-nos o próprio menino ter alugado uma casa de três cômodos para morar e, enquanto não encontra outro trabalho, vivendo com o dinheiro da indenização de sua demissão e do seguro desemprego. Atualmente, trabalha como segurança em estabelecimento comercial.

O quarto menino saiu da Casa devido ao seu envolvimento com drogas, voltando a viver com sua mãe porém retomou contatos com os colegas da rua onde permanecia por muito tempo. Certo dia feriu-se seriamente em uma briga na rua e desapareceu por algum tempo. Meses depois soubemos por terceiros que havia se recuperado do ferimento mas continuava nas ruas.

O quinto menino, abandonado pelos pais desde pequeno, perdera contato com sua família. Enquanto permaneceu na Casa Abrigo, era uma pessoa quieta, frequentava uma Igreja Evangélica das proximidades, frequentava a escola e trabalhou por algum tempo. Certo dia os assistentes sociais da Casa juntamente com o pessoal da Polícia Militar, localizaram um irmão mais velho do menino, o qual era casado e vivia em péssimas condições de vida e estava

desempregado; portanto, sem condições de receber seu irmão em Casa. Uma tentativa foi feita no sentido de estimular a aproximação entre os irmãos, porém não houve o sucesso esperado e o menino voltou por mais algum tempo para o Abrigo, saindo espontaneamente alguns dias depois para viver na rua como antigamente, isto é, em meio às drogas.

O sexto menino, retornou à casa de seus familiares e continuou trabalhando e estudando, seguindo a mesma rotina de vida que tinha enquanto permaneceu na Casa Abrigo.

O sétimo menino, devido ao seu envolvimento com drogas e ao não cumprimento às normas e rotinas da Casa Abrigo, foi desligado. Porém durante o processo de desligamento, envolvera-se em um assalto à mão armada e encontra-se em reclusão há quase um ano.

O oitavo menino, completara 18 anos e fora desligado. Quanto ao seu paradeiro as informações são contraditórias. Existem informações de que retornara à Casa de sua mãe em outro Estado e, também, que permanece pelas ruas da cidade de Goiânia envolvido com a criminalidade; porém nenhuma delas é confirmada. Recentemente informou-nos a Coordenação da Casa Abrigo, que o menino solicitara documentação de transferência escolar para Salvador (Bahia), pois está inserido no “Projeto Olodum” de atendimento a meninos em situação de rua mas a sua permanência está condicionada à frequência e notas escolares.

Algumas fotografias produzidas pelos meninos mostram eles próprios na Casa Abrigo em cenas do cotidiano ou simulando uma situação de

rua. No sentido de ilustrarmos esta caracterização destes adolescentes destacamos as seguintes imagens:



FOTO 01-05

Os meninos



FOTO 02-03

Menino simulando uma situação de rua

## 1.2. CARACTERÍSTICAS DA CASA ABRIGO

A Casa Abrigo está inserida em um Projeto da Gerência de Programas Sócio Educativos da FUNCAD, conforme explicitamos anteriormente. No entanto vale retomarmos que trata-se de um programa específico de

atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua, no sentido de propiciar atendimento sócio educativo garantindo-lhes a satisfação de suas necessidades básicas de moradia, alimentação, vestuário, saúde, escolarização, esporte, cultura e lazer, além de participação em atividades de iniciação à profissionalização.

Trata-se também de um programa desenvolvido em parceria entre duas Instituições Governamentais, isto é, a própria FUNCAD e a Polícia Militar do Estado de Goiás. Não encontramos documentos que estabeleçam as atribuições e responsabilidades de cada uma delas nesta parceria mas, de acordo com o que observamos, a FUNCAD destina recursos humanos como educadores e assistentes sociais e, irregularmente, verbas para pequenas despesas, passes de transporte coletivo e outros. A Polícia Militar contribui com seu espaço físico, alimentação, manutenção da Casa de um modo geral e pessoal militar. No que se refere ao quadro de pessoal, estes trabalham em esquema de plantão diurno de 06 horas (manhã e vespertino) e um noturno de 12 horas. Nos finais de semana, quatro equipes específicas e fixas revezam-se em turnos de 12 horas (diurno/noturno). Em todos os plantões há no mínimo um educador, um militar e um assistente social.

A Casa está construída em uma ampla área militar localizada na zona urbana da cidade de Goiânia muito próxima do Setor Central. Seu espaço interno é bastante arborizado e possui quadras de esportes, piscina semi-olímpica, pista de atletismo entre outras instalações de infra-estrutura às atividades militares ali desenvolvidas. Embora toda a área seja cercada, os meninos têm trânsito livre de entrada e saída, porém, no espaço interno de um

modo geral, o acesso dos meninos é restrito a determinados locais como por exemplo à própria Casa, ao refeitório dos soldados nos horários das refeições e à quadra de futebol nos finais de semana desde que supervisionada por educadores.

No caso específico da piscina, construída ao lado da Casa, era tentador aos meninos, principalmente nos dias de calor. Porém, o acesso era proibido mesmo para atividades coordenadas segundo informara-nos o Coordenador do Abrigo. Da mesma forma, vez ou outra, quando estávamos na Casa, era comum ouvirmos os ensaios da Banda da Polícia Militar. Questionamos algumas vezes sobre a possibilidade dos meninos, que manifestassem interesse, aprenderem música com um dos instrumentistas. Mas, assim como no caso da piscina, a resposta sempre foi a mesma, isto é, aquele era um espaço exclusivo da corporação e que dificilmente algum componente da Banda estaria disponível para ensinar.

Com isso, ao chegarmos à Casa pela primeira vez, tivemos a impressão de que teríamos um local muito interessante para desenvolvermos alguma atividade, talvez até paralela à coleta de dados, com os meninos devido a estas características do espaço físico que encontramos. Ficamos entusiasmados com a possibilidade de propormos junto ao grupo atividades de educação em saúde ou outras que lhes fossem de interesse e, caso não tivéssemos condições de desenvolvê-las, com certeza tentaríamos encontrar o profissional adequado para tal. No entanto priorizamos, naquele momento, a coleta de dados para não perdermos a direção do trabalho.

Em relação à Casa Abrigo, em sua área física existem três quartos coletivos e, em cada um deles, duas beliches e uma cama, banheiro com vaso sanitário, pia e chuveiro elétrico; sala de dois ambientes onde, em um deles, encontrava-se um televisor preto e branco com cadeiras e, no outro, uma mesa ampla para doze lugares; cozinha equipada com fogão a gás e utensílios; área de serviço externa com tanque comum e outro elétrico; além de sala com banheiro destinada à administração.

Os meninos possuíam na Casa o essencial para suas necessidades de sobrevivência, no entanto não observamos a existência de nenhum projeto pedagógico sistematizado e específico para os meninos enquanto estivessem no Abrigo. A rotina dos meninos consistia basicamente em um período na escola e outro no trabalho para aqueles que tinham algum vínculo empregatício formal. Grande parte do tempo permaneciam ociosos, assistindo à televisão, dormindo ou perambulando nas imediações.

A dinâmica de funcionamento da Casa é rígida nos moldes militares. Embora os meninos tenham passe livre para entrar e sair, os horários de um modo geral devem ser rigorosamente observados principalmente para chegar de volta ao saírem. Também devem avisar onde pretendem ir e com quem estarão. Qualquer deslize significa repreensão verbal e suspensão do “direito” de entrar e sair da Casa por um período determinado. Envolvimento com drogas, brigas dentro e/ou fora da Casa pode consistir forte motivo para o desligamento do menino da Casa, principalmente na reincidência. Tudo o que acontece ali os educadores e coordenadores registram através de relatórios em um livro

específico, tipo diário que, posteriormente é encaminhado para a Fundação que mantém a Casa.

### 1.3. CARACTERÍSTICAS DOS EDUCADORES

Quanto aos educadores, durante o período de coleta de dados foi possível percebermos que mantinham relacionamento com base no respeito mútuo, cordialidade e amizade com os meninos e vice-versa. Os educadores estavam ali para executar um trabalho que pressupõe o estímulo e manutenção destes aspectos do relacionamento mas, quanto aos meninos, algumas vezes manifestavam sua antipatia por este ou aquele educador porém de forma a não comprometer as relações entre eles de um modo geral. Nesse sentido percebemos que existe uma preocupação por parte dos educadores em fortalecer estes vínculos na Casa abrigo, no sentido de resgatar um pouco da falta da convivência familiar.

Como vimos anteriormente, CARVALHO (1997), FERRARI & KALOUSTIAN (1997) e NEDER (1997), apontam a importância da valorização da família enquanto espaço primordial para a produção da identidade social no sentido de estimular a formação da cidadania. Ressaltamos assim o importante papel dos educadores que convivem com meninos em situação de abandono quando desempenham atividades onde estão implícitas ações inerentes à família, isto é, quando suas atitudes demonstram seu carinho e afeto no sentido familiar.



No entanto, observamos que cada um dos educadores da Casa em questão contribui com o que lhe é possível, às vezes extrapolando seus limites mas, as ações de um modo geral baseiam-se em iniciativas individuais, isoladas e não estão alicerçadas em projeto pedagógico sistematizado com direcionamento ao resgate da cidadania do adolescente em situação de rua. As abordagens estão no nível empírico e não observamos nenhuma atividade de supervisão através de encontros regulares onde pudessem discutir os problemas que porventura surgem no dia a dia do trabalho com meninos que tiveram experiência de vida nas ruas e, com isso, buscar possibilidades para uma atuação mais efetiva.

Para este tipo de trabalho acreditamos na importância da atualização para que os educadores tenham condições de planejar ações que contribuam para estimular a participação dos meninos em atividades educativas que possam assegurar que o menino esteja rompendo definitivamente os vínculos com a rua pois, o que observamos é que embora os meninos estejam abrigados, a rua ainda lhes oferece atrativos mais interessantes.

A discussão de FERREIRA (1997) sobre as dificuldades das entidades governamentais e não governamentais de Goiânia em tirar os meninos das ruas, apresenta um fragmento da fala de um menino ou menina que está nas ruas da cidade traduzindo exatamente esta nossa percepção sobre a necessidade de preparo e treinamento de recursos humanos para atuar com crianças e adolescentes com experiência de vida nas ruas, assim como do investimento coerente de verbas de forma a atender com eficiência e efetividade a execução dos programas especialmente os governamentais. Segundo o menino(a) citado,

*“nas ruas tem mais atrativos do que nesses programas, onde só ficamos vendo televisão, comendo e dormindo”*(FERREIRA, 1997; pág. 4-20).

Em nossa permanência na Casa, observamos que os educadores reconhecem o fato de que o trabalho realizado é superficial embora exista muita dedicação destes em criar alternativas para driblar a falta de vontade política e de recursos para atender aos meninos de modo mais próximo ao adequado. Existem muitas dificuldades na discussão, definição e articulação de políticas nesta área e percebem que para retirar e manter os meninos fora da rua é necessário muito mais do que simplesmente oferecer um lugar para dormir, comer e tomar banho.

GRACIANI (1997) alerta que “um trabalho com meninos (as) de rua precisa entender os mecanismos políticos e econômicos que estão por trás dessa situação para servir de guia de ação e avaliação de sua atuação” (p. 88). Nesse sentido não podemos desconsiderar os interesses da sociedade que existem por trás do desenvolvimento ou não de um trabalho desta ordem. Esta questão é histórica e sempre procurou atender interesses de classes dominantes como já verificamos em um estudo anterior sobre a temática (MEDEIROS, 1995).

Ainda assim acreditamos na viabilidade de parcerias e convênios com o empresariado, no sentido de prover condições à criança e ao adolescente em freqüentar a escola onde possam desenvolver o aprendizado direcionado à qualificação, de acordo com tendências do mercado de trabalho e, assim, com a possibilidade de encaminhamento para o mercado formal de trabalho. Um exemplo de que isso é possível de forma que os custos sejam baixos com retorno considerável é a experiência desenvolvida pela Escola de Agronomia da Universidade Federal de Goiás e o “Projeto Pescar”, no qual meninos em situação

de rua recebem uma bolsa para continuar os estudos na escola tradicional ao mesmo tempo em que participam de um programa específico de treinamento em mecânica agrícola onde se inclui além das atividades específicas, a participação em palestras sobre cidadania, saúde entre outras (FUNDAÇÃO PROJETO PESCAR, 1998).

Acreditamos que atividades coordenadas de educação, esporte e lazer, proporcionam aos meninos o crescimento e desenvolvimento sadio, assim como a estrutura e o preparo necessários para enfrentar com dignidade, autoconfiança e auto – estima as dificuldades que surgirão ao longo de suas vidas. Com isso, também diminuem bastante as possibilidades de se transformarem em adultos em situação de rua ou se transformarem em marginais envolvidos com a criminalidade.

Nas fotografias o elemento humano é uma constante e, em grande parte, mostram os educadores da Casa Abrigo com os quais os meninos mantêm relações mais estreitas:



FOTO 03-01

Educadores



FOTO 04-05

Educadora

Podemos inferir que, simbolicamente, os adultos educadores representam as famílias dos meninos e permanecem em casa, enquanto os adolescentes estão nas ruas em espaços abertos gozando sua liberdade, porém o vínculo existe com a Casa. Este aspecto reforça a questão da importância do ambiente para o menino onde os educadores assumem a posição ou desempenha o papel de sua família.

A manutenção ou resgate dos vínculos afetivos talvez seja uma tarefa básica para o educador que trabalha com meninos que já saíram das ruas, de modo a proporcionar oportunidades que os levem a aprender e pensar com a própria experiência, com vistas a resgatar a confiança dos meninos em sua capacidade em enfrentar os desafios que certamente encontrarão durante o processo de reintegração. A intervenção adequada dos profissionais à volta do menino abrigado, fundamentada em uma convivência de respeito mútuo, de confiança e de segurança, garante uma menor probabilidade de retorno do menino às ruas.

## **2. OS MENINOS E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA RUA**

De um modo geral apreendemos na leitura do material coletado junto aos meninos que as representações sobre a rua se constroem a partir de elementos bastante contraditórios. Embora sejam elaboradas basicamente por aspectos negativos como a humilhação, falta de casa, comida e carinho, aspectos ligados à liberdade encontrada nas ruas, a possibilidade de fazer o que quiserem sem prestar satisfações a ninguém e divertirem-se também estão presentes e são marcantes tanto em seus discursos como nas fotografias. Estes aspectos emergiram das categorias empíricas identificadas nas falas dos meninos no processo de organização do material coletado nas entrevistas conforme explicitamos anteriormente, os quais apresentamos a discussão a seguir.

### **2.1. CURTIÇÃO**

A maior parte dos meninos aponta nas entrevista a questão da curtição, o que nos leva a compreender que este é um significado bastante evidente nas representações sociais que o menino tem da rua. Esta curtição significa usar drogas (tais como a cola de sapateiro, maconha, merla, cocaína, entre outras), roubar, divertir, aprontar e bagunçar, seja sozinho ou com os colegas. A liberdade que a rua oferece, o sexo e a transa não estão presentes em todas as falas mas podemos perceber que também traduzem outro significado das representações para a curtição. Surgem também, exemplos isolados como

correr da polícia, comer no restaurante sem pagar a conta e surfar no ônibus (subir e permanecer em cima de um ônibus em movimento) em menor escala. Em apenas uma fala aparece a questão que a rua parecia sua casa e que menino que vive na rua gosta de andar bem arrumado com tênis de marca, boné, no sentido de que isso para ele também é curtição.

De acordo com o que encontramos nas falas dos meninos:

*“Eu gostava... gostava de roubar... de se divertir, né? E bom... e... as coisas boas assim da rua... ... a rua parecia minha casa...” (E-1)*

*“Na rua já estava lá, não precisava sair... A gente vai aonde quer a hora que for e não precisa ficar pedindo, explicando, né?” (E-2)*

*“A coisa boa que eu achava mesmo era poder curtir, né, poder curtir, divertir, esse negócio assim.” (E-4)*

*“Eu gostava muito de surfar no ônibus, subir em cima e pegar surfe, né? Eu gostava de viajar, assim... E gostava de andar bem arrumado, tênis de marca, boné, né?” (E-7)*

*“O que eu gostava mesmo é que era sem norma, a gente fazia bagunça demais. As drogas também, no tempo que eu usava eu gostava, a cola, maconha, eu gostava daquilo porque parecia uma coisa legal.” (E-8)*

Nesta categoria empírica se insere a maior concentração de fotografias. De um modo geral sugerem momentos de diversão, mostrando que, para eles, o importante da rua é o que existe de corriqueiro e efêmero, isto é, a diversão encontrada no uso de drogas, correr da polícia, “sufar” no ônibus portanto, trazem as representações da liberdade:



FOTO 05-04

*“a gente fazia bagunça demais”*



FOTO 06-02

*“poder curtir, divertir”*



FOTO 07-01

*“eu gostava de viajar”*

Observamos que quando os meninos falam sobre diversão a questão do uso de drogas, principalmente cola e maconha aparecem no contexto da conversa. Segundo as entrevistas:

*“Era divertido, a gente curtia, com os colegas lá e tal... Realmente o que a gente curte na rua são as drogas, né?! Mas é diversão, tipo assim, brigar, correr da polícia, esses negócios assim, né? (E-4)*

*“Eu gastava em droga, no começo eu cheirava cola, depois eu comecei a fumar maconha e só droga pesada depois... eu gostava disso” (E-5)*

*“Agora, o que me segurava na rua era a droga, droga, né?” (E-7)*

*“Minha droga preferida que eu gostava mais era o esmalte, do Rohypnol que é um trem perigoso, da merla. Cola eu não gostava muito não. Eu gostava do “Brofogin” que é um remédio que você toma e você não dorme. Fica o dia e a noite acordado. Cada vez que você toma mais você pira e quando você toma você sente um gosto de terra assim. Você deita assim e você não consegue dormir. Nossa senhora quando fuma maconha dá uma fome que... agora um trem que você toma e não sente fome que você pode tomar é o Rohypnol. Você só fica doidão, se tomar muito e beber água, você cai ali e dorme o dia e a noite.” (E-7)*

*“Aí quando eu cheguei lá eu não usava droga, acabei cheirando cola. Aí depois eles foram me ensinando, né, a gente ia andando na rua e eles iam me ensinando a... roubar, como é que é roubar bolsa. Aí eu ia vendo, pensava que era uma coisa normal, sabe, coisa divertida e acabei aprendendo também” (E-8).*

As fotografias a seguir mostram a rua, sugerindo aspectos da liberdade, da diversão e do consumo de drogas conforme é possível observarmos:





FOTO 08-05

*“o que a gente curte na rua são as drogas”*



FOTO 09-04

*“curtir com os colegas”*

(garrafa de cola sob a camisa)

Desde o final da década passada o consumo drogas no Brasil tem sido uma preocupação constante considerando o crescente aumento do número de usuários, na maioria crianças e adolescentes. Alguns estudos tem sido direcionados ao consumo de solventes entre outras drogas pelos meninos e meninas em situação de rua. O solvente mais comum apontado por CARLINI COTRIM & CARLINI (1987; 1987a) e consumido por este grupo é a cola de sapateiro e entre as outras drogas destacam-se a maconha, Artane e Diazepan. MONTEIRO FILHO *et all.* (1984) destacam que ao consumir a cola, os meninos

procuram prazer fácil, rápido e barato como estratégia de fuga da realidade que vivem.

Chamamos a atenção para o fato do sexo enquanto algo prazeroso, de curtição, não aparecer de maneira constante nas entrevistas, sendo apenas um menino a apontar esta questão em sua fala como:

*“A diversão, né, transa às vezes, né, mas isso aí só aparece quando a gente invoca com uma menina, né, mas não é direto assim também não” (E-4).*

FENELON *et al.* (1992) observou junto a um grupo de “meninos e meninas de rua” da cidade de Goiânia que as manifestações afetivas entre eles são pouco comuns e geralmente os tratamentos dispensados são ríspidos e até agressivos. Geralmente as meninas, sonham com um grande amor que será capaz de mudar suas vidas e, quando estão envolvidas com algum menino, vivem intensamente aquela experiência. Os meninos também, segundo as autoras, almejam uma relação afetiva sólida como o casamento mas a escolha da futura noiva incidirá entre aquelas que não estão nas ruas pois, estas são para casar e as que estão nas ruas não servem para o casamento.

Nas fotografias seguintes, a primeira sugere o contato físico entre meninos e meninas. Na seqüência, uma garota (a namorada do portador da câmera) que não pertence ao grupo de meninas em situação de rua posando para a fotografia, confirmando o aspecto levantado por FENELON *et al.* (1992) de que os meninos preferem para namorar, meninas que vivem com suas famílias e que não pertencem a nenhum grupo que permanece pelas ruas.



FOTO 10-04

*“transa, às vezes”*



FOTO 11-05

*“é a minha namorada”*



FOTO 12-04

O namoro na praça

Identificamos em várias fotografias, aspectos relacionados à rua e à casa o que nos indica que os meninos têm uma relação de curtição com a rua tal

como fosse sua casa. Para aprofundarmos a compreensão sobre isto, encontramos em DA MATTA (1997), alguns elementos que nos permitiram esta análise. Segundo este autor, “rua” e “casa” são categorias sociológicas e, estas palavras:

*“não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas.”(p.15)*

Para os meninos e meninas que estão nas ruas, este espaço é o palco principal onde são estabelecidas as relações sociais entre eles próprios e, também, com a sociedade, a família, a polícia e instituições específicas para atender crianças e adolescentes. Conforme discutimos anteriormente em nosso referencial teórico, é no ambiente da rua que tiram seu sustento ou em determinados casos, também de sua família. Neste espaço também brincam e sonham com uma vida melhor.

Praticamente metade das fotografias contemplam aspectos do espaço público das ruas em suas imagens, dentre as quais destacamos as seguintes:



FOTO 13-04

A rua propriamente dita: espaços abertos



FOTO 14-05

Meninos no espaço aberto da rua



FOTO 15-02

À noite, no espaço aberto da rua



FOTO 16-05

O espaço aberto da rua: um universo para crianças e adolescentes

Retomando DA MATTA (1997), ao mesmo tempo em que determinados espaços da rua são utilizados enquanto morada, a casa também possui em seus espaços alguma relação com a rua. As janelas, varandas, cozinhas e quintais fazem a ponte entre o interior e o exterior e o corredor de circulação, muito freqüente no padrão de casas brasileiras, se assemelha à rua enquanto um espaço de acesso e ligação de todos os espaços que compõem a casa funcionando tais como fossem “casas”.

Em menor número, as fotografias apontam para os espaços limítrofes entre a rua e a casa (espaço público – privado), quando as imagens registradas mostram cenas de uma sala de aula, os muros de um centro de apoio ao “menino de rua” e a entrada de uma Casa (SOS Criança).



FOTO 17-05

Escola: espaço público porém fechado



FOTO 18-05

O muro: limites entre a casa e a rua



FOTO 19-05

Portão e porta: acesso ao mundo da casa e ao da rua

Em quantidade bastante inferior aparecem cenas do espaço mais íntimo que possuem, isto é, a Casa Abrigo onde vivem. Nestas fotografias mostram os educadores, os colegas em seus quartos e uma fotografia de objetos pessoais pendurados na parede.



FOTO 20-02

Instrumentos para a capoeira – elementos da rua na parede do quarto



FOTO 21-01

Quarto: o espaço privado da Casa Abrigo

Um olhar mais atento em todas as fotografias que apresentamos para ilustrar a discussão das representações sociais através desta categoria empírica, nos permite observar que a trajetória percorrida pelos meninos através das imagens nas seqüências de suas fotos, sugere um caminho que transita do espaço público livre e aberto das ruas, passando pelos limites entre a casa e a rua onde aparecem cercas, muro e até mesmo a escola, uma instituição que embora tenha caráter público contempla um espaço privado.

Continuando este caminho, as imagens nos conduzem ao espaço privativo da casa, aqui representado pela Instituição que os acolhe, chegando ao seu espaço mais reservado, isto é, seu quarto. Um detalhe curioso é que em um dos quartos dos meninos, uma fotografia mostra objetos utilizados na capoeira pendurados na parede. Isto nos sugere que na sua intimidade ainda reservam um espaço, mesmo que pequeno, para coisas da rua lembrando que a capoeira requer amplos espaços, preferencialmente abertos e sua demonstração se dá, geralmente, em ruas, praças e calçadas.

O número reduzido de fotografias do espaço mais reservado indicamos que a rua, correspondendo a um local de agitação e constante movimento, é muito mais interessante e atrativo para o adolescente do que o espaço da casa que é calmo, tranqüilo, local de repouso, entre outros atributos que trazem, segundo DA MATTA (1997), a nossa idéia de amor, carinho e calor humano.



O cenário mais comum das fotografias é o espaço público aberto com suas ruas e praças, seguindo-se aquelas em que aparece a casa e suas dependências como sala, cozinha, quarto e quintal. É possível observarmos, porém com menor frequência, espaços públicos mas fechados como um escritório, a escola (sala de aula) e quartel militar. Ainda nestas fotografias encontramos aspectos relacionados à curtição, isto é, curtem a rua mais que o próprio Abrigo representado pelas fotografias dos espaços fechados.

Através das fotografias a seguir, exemplificamos estas nossas observações:



FOTO 22-04

Praça e rua



FOTO 23-05

Quintal



FOTO 24-05

Quartel Militar: espaço da Casa Abrigo



FOTO 25-01

Cozinha:



FOTO 26-01

Quarto do menino: o espaço privado

A observação mais detalhada destas fotografias nos permite apontar que a partir do momento em que oferecemos aos meninos a oportunidade de captar por imagens o significado da rua, fora do ambiente formal da entrevista (mesmo com o nosso esforço ao contrário, sobram resquícios de formalidade), estes tiveram mais liberdade em mostrar o que a rua verdadeiramente lhes representa, isto é, a liberdade. No entanto, este recurso utilizado isoladamente não mostraria o outro lado sobre o que pensam da rua. Isto foi possível observamos através de suas falas. Nesse sentido reiteramos a importância do uso deste instrumento (fotografias) enquanto complemento às entrevistas em pesquisas de abordagem qualitativa.

Para os meninos foi uma verdadeira diversão poderem fotografar o que quisessem mesmo que houvesse uma direção quanto ao que mostrar nas fotos. Ainda assim cada um encontrou espaço para se fotografar e depois observar como se saiu posando de modelo em algumas fotos. No entanto percebemos que cada um procurou contar sua história e experiência de vida na rua, à sua maneira própria. Procuraram retratar aspectos conhecidos da rua e as pessoas que mantém vínculos mais próximos, isto é, os colegas (alguns ainda vivendo na rua) e os educadores.

Em síntese, o cenário em que passa a história dos meninos e que para eles também significa curtidão é a rua e também o espaço da Casa Abrigo onde se consolidam as relações sociais significativas para os meninos; as pessoas são os colegas e os educadores. Não extrapolam estes limites. As fotografias são coerentes com o que querem mostrar através das imagens, simplesmente o lado bom da rua, da liberdade e da curtidão. Ao mesmo tempo,

mostram-se contraditórias aos discursos onde destacam o lado violento e ruim da vida na rua.

Em apenas uma das entrevistas não conseguimos identificar nenhum indício de que para aquele menino existe algo de divertido na rua. Ao contrário, ele estava na rua apenas por falta de opção para viver:

*“Não tem muitas pessoas que vão para a rua porque quer porque é obrigada a ir. (...) Não é assim um mundo encantado mas... mas prá quem não tem outra opção, o que há de fazer! Tem que arriscar...” (E-3)*

Neste caso a rua apresenta-se como uma opção de vida e de sobrevivência ao menino(a) em situação de risco e de abandono pela família, enfim, uma saída alternativa para os problemas e dificuldades que enfrentam (MEDEIROS & FERRIANI, 1995; SARTI, 1995).

Portanto, para o grupo de meninos estudados, antes de qualquer coisa a rua representa um local de diversão onde tudo vale no sentido de conseguirem isso. As fotografias que apresentamos atestam esta nossa observação pois, em nenhum momento destacam, através das imagens, aspectos negativos da rua, mesmo aqueles meninos que os verbalizaram nas entrevistas.

## **2.2. A GENTE NÃO TEM**

Através desta categoria empírica é possível percebermos as contradições dos meninos acerca do significado da rua para eles. A maior parte

das fotografias concentra-se na categoria anterior, mostrando o que a rua tem de bom e atrativo. Assim, o contrário da curtição e da liberdade, isto é, o lado ruim da rua também se expressa através de algumas fotografias porém em quantidade bastante inferior. Percebemos dessa maneira que as imagens das fotografias caminham do muito curtido para o nada, assim como, a relação que se esboça entre as fotografias e o mundo ideal sob a ótica dos meninos, articulando-se às falas onde a tônica está no lado ruim da rua.

Conforme a fala dos meninos entrevistados, a rua é um lugar cujas representações também se fundamentam naquilo que “a gente não tem”, isto é, não tem nada de bom pois, ali não encontram um espaço fixo para permanecerem ou um lugar para ficarem aquecidos nos dias de frio, onde não tem família, o carinho dos pais, a mãe. Também não tem amigos, segundo um deles na rua se tem apenas colegas e, quanto às roupas, comida e dinheiro improvisam soluções para sua falta. É um espaço sem escola, sem normas, sem futuro. Enfim a rua é para quem não tem outra opção mas, ao mesmo tempo, um lugar que parece suas casas porque não tinham casa e nenhum lugar para ficar. Uma das entrevistas aponta que na rua eles não tem chance de sair dela e que tem que existir um mundo melhor.

*“Falta de carinho dos pais né... assim, sentia saudade né...” (E-1)*

*“De boa assim eu acho que não tem nada não, só tem... tem mas não tem. A gente passa num lugar assim e tal ai vai prá outro e a gente vai dormindo num lugar assim acaba passando um frio danado, aí a gente pede assim uma comida para uma pessoa” (E-2).*

*“A gente não tem amigos a gente tem colegas. A gente não tem sossego nem prá dormir, eles tentam matar a gente dormindo. A*

*gente não toma banho não alimenta direito, fica fraco porque não se alimenta direito, não toma banho nem nada” (E-3).*

*“Quando eu não tinha dinheiro encontrava um colega meu que tinha, né, aí eles faziam, amigo, porque na rua é assim, entendeu, a gente, quando a gente não tem e o outro tem, um dá o socorro para o outro, entendeu, qualquer coisa ou droga ou asqualquer coisa que tiver” (E-4).*

*“Quando estava tempo assim (nublado, chuvoso e frio), a gente não arrumava lugar para dormir, não tinha jeito de dormir no Horto, chovendo molhava tudo e aí a gente arrumava o mocó lá e aí aparecia os homens, levava a gente assim... a rua... com isso tudo, a rua não tem nada” (E-5).*

*“Aí eu não fui para a escola, não sei ler até hoje. Aí eu estou aqui na rua, nunca mais vi minha mãe, tenho saudade da minha mãe” (E-6).*

*“Eu nunca gostei de andar mal arrumado não, cara. Comida era mais fácil que pedir roupa” (E-7).*

*“Eu quando queria comer, roubava, fazia muitas coisas, arrumava dinheiro sempre dava um jeito de comprar alguma coisa, comida, droga” (E-8).*

Observamos que nas falas anteriores está implícito que para os meninos a falta dos pais, da proteção do lar, a falta de dinheiro e da escola os levam a cometer atos extremos como roubar para sobreviver. Nesse sentido identificamos que a família para os meninos ainda é algo importante e necessário embora não tenham consciência disso. Este aspecto vem ao encontro das colocações de MELLO (1994) quando aponta que o grupo familiar é a resposta mais satisfatória e essencial para a criação de seus filhos. No entanto, segundo MINAYO (1993a), *“a família, cuja função cultural é ser a criadora e reprodutora das relações primárias, é aqui ferida no seu cerne, quando por complexas razões*

*econômicas e sociais se vê compelida a expulsar seus filhos para a rua ou aceitar que a utilizem como lugar de vida e trabalho.” (p.13)*

Ainda de acordo com MINAYO (1993a), acompanha esta transferência da missão institucional da casa e do lar para o espaço da rua, novas experiências de afetividade, de sentimentos e da autoridade, para os meninos e meninas e, com isso, se expõem à insegurança física e moral, à fome, ao sofrimento, ao abandono, à delinqüência, à exploração, às doenças e à morte. Nos dizeres da autora:

*“criam-se outras estratégias de convivência e de ‘civilização’. E o preço da suposta liberdade de que gozariam as crianças tem como resultante uma cultura da miséria, que, se não é apenas negativa, produz valores, hábitos e costumes de conseqüências imprevisíveis, enquanto fenômeno coletivo.”(p.13)*

Os aspectos negativos apontados pelos meninos em suas falas não foram claramente destacados nas imagens das fotografias. No entanto as fotos seguintes (27, 28 e 29), aproximam-se deste significado ao mostrarem um garoto bem vestido à frente de um veículo de modelo importado o que nos sugere a ilusão de alcançar seu sonho de consumo; pessoas se alimentando, que indica a falta de alimentos e as dificuldades para alimentarem-se na rua; e um grupo de mulheres e crianças reunidas no quintal de uma casa, representa a falta de vínculos com a família.

Vale ressaltar que a fotografia seguinte apareceu repetidas vezes no conjunto produzido pelo menino.



FOTO 27-05

*“nunca gostei de andar mal arrumado”*



FOTO 28-04

*“quando eu queria comer eu roubava”*



FOTO 29-01

*“falta carinho dos pais”*

CRUZ NETO et al. (1993) ao estudarem famílias de crianças que, em meio à miséria à qual estão submetidos, buscam na rua sua sobrevivência apontam que nesta luta existe muito sofrimento no trabalho dos pais e das



crianças na rua. Ainda neste estudo, os autores observam que o êxodo rural e a migração para a Região Centro-Oeste, em virtude de projetos de interiorização no início desta década muito contribuíram para o crescimento desordenado de grandes cidades.

No caso de Goiânia, apontamos anteriormente que é bastante complicado o desenvolvimento urbano acompanhar o fluxo migratório e atender a população que chega em busca de trabalho e melhores condições de vida pois, os migrantes, ao chegarem na capital, encontram dificuldades de acesso a trabalho, escola para seus filhos, habitação, entre outros e, na maioria das vezes se sujeitam a viver em construções improvisadas em terrenos invadidos, pedir esmolas ou ainda viver na rua com toda a família. Segundo CRUZ NETO et al. (1993), estas famílias são vítimas de um processo de exclusão pois, não encontram no campo ou na cidade condições mínimas de trabalho, de moradia e de reprodução. Dessa maneira o fenômeno dos “meninos de rua” deve ser explicado mais pelas relações sociais de produção do que pela incursão no urbano de famílias de origem rural.

Ressaltam ainda CRUZ NETO et al. (1993) que a vida na rua é complexa e multifacetada. Segundo os autores o trabalho de apreensão de suas nuances:

*“é um desafio para quem vive e trabalha nela. Maior desafio ainda enfrentam os pais, obrigados pelas circunstâncias a nela verem seus filhos. Porém, pobreza, medo e crime aliam, no espaço da rua, a virtude e o vício, o sonho e a realidade, tornando sem sentido os limites que o mundo da cultura letrada inventou.” (p.93)*

SARTI (1995), coloca que a rua com seus atrativos de aventura acaba por se tornar um lugar desejável e pode representar para o menino a possibilidade de acesso aos benefícios que a cidade oferece. No entanto, SILVA (1993), destaca que pode-se cometer algum engano pensar que a rua funciona prioritariamente como um centro de atração e sonho ou como um local para ganhar dinheiro fácil e sem esforço. Nesse sentido há que se tomar cuidado para não tomarmos esta questão como fator exclusivo que leva meninos e meninas a procurar a rua mas, merece ser vista com cuidado e atenção pois certamente muito contribui para tal.

Entendemos que esta categoria empírica traz em sua essência as representações sociais da necessidade. BOUDON & BOURRICAUD (1993), afirmam que existe uma gênese social das necessidades e discutem esta questão a partir do aspecto das necessidades sociais. Segundo os autores estas podem ser definidas como a afirmação ou a reivindicação de nossos direitos em sermos reconhecidos, amados e de participação. Em nossa leitura, entendemos que neste tipo de necessidade, que os autores apresentam, se insere a necessidade de consumo seja de gêneros básicos de sobrevivência ou por outros que podemos dizer desnecessários ou supérfluos. A posse de alimentos para saciar a fome, prover abrigo ou mesmo um parceiro (a), é fonte de prazer e satisfação sendo que a privação pode vir acompanhada de condutas de agressão contra os obstáculos, reais ou não, que bloqueiam o acesso a esses bens.

Segundo MOURA (1992), as crianças e os adolescentes pobres vivenciam uma situação de conflito entre a fantasia e a realidade, uma vez que estão submetidos às pressões de consumo divulgados pela mídia. Sonham com

um mundo que está fora de sua casa onde não precisam trabalhar e têm liberdade, enfim, onde todos os sonhos tem possibilidade quase garantida de se realizarem. BOUDON & BAURRICAUD (1993) colocam que há consumo global de um objeto quando este se torna visível para um grande número de prováveis consumidores sendo função da publicidade garantir essa visibilidade e, com isso, desencadear o ato de compra.

No entanto, uma vez na rua e envolvidos com seu universo, os meninos e meninas se dão conta da fragilidade e instabilidade do sonho que os trouxera até ali e que, a sua concretização é complexa e está condicionada a experiências difíceis e precoces, as quais podem lhes custar, muitas vezes, a própria vida. Assim, impossibilitados de atingir o objetivo de consumo daqueles produtos que sentiam necessidade de possuir, pode levar os meninos a praticar atos ilícitos em busca do objeto acompanhados ou não de atitudes agressivas.

### **2.3. HUMILHAÇÃO**

Em síntese, podemos observar através das entrevistas que os atores sociais de nossa pesquisa trazem a questão da humilhação enquanto uma das faces que constróem as representações que têm da rua. Sentem-se humilhados de alguma maneira em várias circunstâncias de suas vidas. Começa em casa, pela falta de confiança, preconceito e desprezo pela própria família, onde muitas vezes são vítimas de violências físicas e psicológicas pelo pai, mãe, padrasto, madrasta ou tia.

*“Na rua, ninguém ficava me desprezando que nem me desprezava na minha casa” (E-1).*

*“Eu conversei com eles lá no Pará, mas eles querem que eu volte, mas eu falei que eu não vou voltar prá lá não. Mais nunca. Eles falam assim mas... eles não querem não... só alugação só. Eles não querem que eu volte não. Acho que eles não querem que volte não. Acho não, não querem! Sai de lá assim...” (E-2)*

*“Lá na minha tia, a minha família, né, eu fiquei tendo preconceito assim, parece que eles sabiam, né, que eu era menino de rua aqui, tipo um preconceito, porque eles ensinavam coisas para os filhos deles e tal, aí eu peguei e também...” (E-8)*

*“Eu queria sair da rua para morar com a minha família. Aí até que eu consegui. Um dia eu fui com a minha família mas sempre vivendo no preconceito” (E-8).*

Este sentimento se estende à rua no momento em que é preciso pedir (comida, roupa, dinheiro). Os meninos sentem-se humilhados pelos próprios colegas do grupo, pelas pessoas que passam pela rua, quando apanham da polícia ou dos meninos com os quais convivem nas ruas, por não terem um lugar fixo para viver, para dormir, para se aquecerem nos dias de frio.

*“Agora o ruim mesmo é ser humilhado pelas pessoas, né? As pessoas passam assim ficam xingando a gente e tal, por causa, a gente estava passando assim, passava uma pessoa, reconhece nós, e fala Ah..., porque olha lá, porque olha lá, esse cara é isso, e tal... é isso, e tal, é ladrão e tal e tudo mais, né e sempre assim, né... ser desprezado das pessoas, ser xingado, ser mau visto pela população, né?” (E-4)*

*“Eles falavam assim “Que é isso, você está passando precisão e você não se humilha?” Não o negócio não é humilhar... se eu dou conta de arrumar para que eu vou me humilhar para os outros?” (E-4)*

*“Viver na rua é ruim, porque a polícia fica batendo na gente. Durmo lá no centro, onde der para dormir mas na rua eu não gosto de*

*apanhar não. Eles pegam a gente joga no carro, bate na gente lá da DPJ” (E-6).*

*“Aí nós fomos para a Praça os caras (outros meninos de rua) me pegaram... nossa, quase me mataram lá. Me deram umas tacas lá daquelas espertas que... Aí eu fui acostumando, falava não, não vou entrar muito na desses caras não” (E-7).*

Com o intuito de melhor compreendermos o sentido que assumem as representações sociais dos meninos quanto a esta categoria empírica, destacamos estes três aspectos apontados nas falas dos quais procuramos uma aproximação semântica. O desprezo tem o caráter de repulsa; o preconceito traz a alusão a um julgamento de valor ou uma opinião formada precipitadamente sem levar em conta os fatos e o contexto inerente; e a humilhação propriamente dita que pode ser entendida como um rebaixamento moral, opressão, menosprezo ou desdém.

Enfim, viver na rua em suas falas está implícito a humilhação de não terem outra opção, pois estão ali não porque querem e até mesmo na hora de voltar para casa também sentem-se humilhados em fazer isso pois significaria a derrota de não terem conseguido vencer na (a) rua.

*“A rua se encaixa no lado ruim mas, eu não tenho nada que eu gostava na rua prá falar sincero, mas, mas só que na situação que a gente vivia naquele tempo que a gente tinha, era obrigatório...” (E-3)*

*“Aí a família dela era grande e a família deles, eles não estavam dando conta nem de tratar da família deles e aí eu vim para a rua...” (E-5)*

*“Eu pensava que a vida que eu ia levar (na rua) ia ser melhor. Sempre eu pensava” (E-7).*

*“Na época que eu morava com meu pai ele tinha uma mulher que era até mais nova do que ele. Ela tinha dezessete anos. Eu acho também que foi por causa disso que me tiraram da... me encostaram” (E-8).*

*“A minha família me tirou da rua mas não depositou assim... Porque a pessoa quando sai da rua a pessoa tem que saber depositar confiança ela. Mas eles não tiveram confiança em mim talvez eu fiquei nervoso por causa disso, eles sempre falavam uma coisa que demonstrava que não tinham confiança em mim...” (E-8)*

Em nosso entendimento, um dos possíveis significados que os meninos trazem para esta categoria, passa pela questão do próprio rótulo a eles imposto, isto é, são “meninos de rua”. Assim, uma vez “menino de rua”, carregará consigo outras denominações que refletem a degradação social, o preconceito, a humilhação, o desprezo, a omissão, a discriminação e o descaso tanto do Estado quanto da sociedade de um modo geral e a própria família do menino.

O ECA-90 (BRASIL, 1991), trouxe à sociedade brasileira um modo diferente de perceber a criança e o adolescente. Nesse sentido, observamos que vários segmentos da sociedade estão comprometidos com a questão da criança e do adolescente em situação de risco social no sentido de encontrar alternativas e propostas para a melhoria da qualidade de vida. No entanto a criança pobre, com vínculos rompidos com a família e que anda pelas ruas cheirando cola, suja, maltrapilha, descalça e pedindo dinheiro ou comida traz a resposta imediata à sociedade que esta é a caracterização básica do “menino de rua” e passa a temê-lo, repudiá-lo, desprezá-lo. Não leva em consideração que por trás daquele menino existe uma história de vida muitas vezes amarga de abandono, violência

doméstica e pobreza que o leva a encontrar na rua e na cola de sapateiro, na mendicância sua única possibilidade de sobrevivência.

Com isso, PEREIRA JÚNIOR & HERINGER (1992) colocam que a denominação “menino de rua” deixa de ser compreendida enquanto um adjetivo possível passando a receber, no senso comum, o significado de um substantivo que explica a existência de toda uma população em situação de miséria entre os 0 e 17 anos de idade que se encontra pelas ruas dos grandes centros urbanos. COSTA (1990) confirma este aspecto da segregação, também pelo senso comum, desses meninos do conjunto das demais crianças e adolescentes. Este autor aponta que a reação à ameaça liga-se diretamente ao estereótipo da periculosidade ante a visão amplamente divulgada e distorcida ao fenômeno social “meninos de rua” como sendo uma ameaça à ordem pública e à segurança da sociedade.

Crianças e adolescentes na rua significa que estão expostos à complexidade e insegurança características deste espaço, vivendo nos limites entre o trabalho, a mendicância, o furto, o consumo de drogas, sofrendo a humilhação, o preconceito, o medo e o desprezo dos grupos sociais mais abastados ou, também, tornando-se alvos fáceis de adultos delinquentes MINAYO (1993a). Segundo a autora, *“essas crianças mesclam uma agressividade aparentemente grande para enfrentar a violência de que são vítimas, com uma fragilidade tão forte quanto o abandono que vivenciam”* (p.13). Portanto, observamos que, no lugar de merecerem o cuidado, a proteção e a dependência da família, a infância desses meninos e meninas se transforma em

uma etapa da vida voltada à responsabilidade pela sobrevivência, forçando o desenvolvimento emocional precoce e tornado-os adultos antes do tempo.

Porém não podemos nos afastar do que mostra nossa fundamentação teórica sobre o fato de que crianças e adolescentes buscando na rua alternativas de sobrevivência não surgiram ao acaso. Lembramos assim, a observação de COSTA (1990), quando aponta que as condições de extrema degradação pessoal e social de tantas crianças e adolescentes decorrem direta ou indiretamente das opções políticas, econômicas e sociais que dirigiram a vida da sociedade brasileira. Portanto, por trás de tantos meninos e meninas nas ruas existem, também, suas famílias em semelhante situação de abandono, especialmente pelas políticas públicas desarticuladas e excludentes que desconhecem ou ignoram as determinações estruturais e as desigualdades sociais.

Com relação às fotografias, chamou nossa atenção o fato de que não encontramos nenhuma que trouxesse alguma ligação com o significado das representações sociais que discutimos através desta categoria empírica. Entendemos com isso que o sentimento da humilhação, do desprezo e do preconceito expressado pelos meninos adquire contornos mais nítidos ao ser abordado na entrevista e, através da câmera fotográfica este é um aspecto bastante delicado para se transformar em imagem. Com este instrumento em suas mãos, os meninos estavam mais à vontade e interessados em captar detalhes da rua que lhe chamavam a atenção enquanto o lado mais corriqueiro da vida nas ruas para cada um deles.



Aqui percebemos que existe mais um fator contraditório pois, ao mesmo tempo que este aspecto aparece nas falas é omitido nas fotografias. Na realidade, ao nosso entender, ao mostrarem aspectos gerais da rua estão mostrando o tipo de vida a que se sujeitaram e este fato em si, pode ser entendido por humilhação. Assim, as fotografias podem não destacar este aspecto de forma mais clara porém, devemos entendê-la presente em cada uma das fotografias.

#### **2.4. LEI DO CANO**

Através das falas dos atores sociais em discussão, pudemos observar que de um modo geral a violência está presente em todos os momentos de suas vidas pelas ruas, desde situações mais simples de roubar comida até aquelas que envolvem sangue e morte. Na rua impera a lei do cano, isto é, a violência envolvendo também outros atores como a polícia, receptadores de produtos roubados, além dos próprios meninos. Está evidente o medo como uma constante seja da polícia, de apanhar dos policiais, de vingança ou, até mesmo, dos próprios colegas do grupo.

A leitura criteriosa das entrevistas permitiu observar que a questão da violência é uma constante em suas falas, permeando todas as situações percorridas. Nesse sentido, as representações implícitas na “lei do cano” é a violência física e psicológica a que estão sujeitos tanto em suas casas quanto nas ruas. Da mesma forma a violação dos direitos enquanto cidadãos, de terem suas famílias amparadas por trabalho, saúde, habitação, alimentação, de poderem

brincar e estudar como uma criança ou um adolescente qualquer, refletem também neste aspecto das representações que trazem da rua. Os fragmentos a seguir exemplificam este nosso entendimento:

*“Na rua eu apanhava das polícias, a policia que batia demais... Quando eu fui preso eu apanhava demais da conta...” (E-1)*

*“A cidade é muito violenta esses caras ai a gente tem que cuidar... esses pilantras da rua. Se não cuidar os caras pegam o outro e lasca a faca. A gente vê aqueles caras assim de farra mete a faca em outros caras” (E-2).*

*“A rua é a lei do cano, é livre, é livre! Por isso que têm muitas pessoas que não param em casa por que não agüentam as normas em casa porque na rua não existe norma. Mas toda liberdade tem um preço, porque se você for analisar assim, na rua você pode ser morto a qualquer hora” (E-3)*

*“Cheguei até a roubar de mão armada... A comida, assim, tipo assim, não faltava o dinheiro, sempre tinha o dinheiro, porque quando está na rua, a gente está pronto para fazer qualquer coisa, né, roubar, qualquer coisa, né? Aí, não, era muito difícil eu ficar sem dinheiro” (E-4).*

*“Aí, me pegaram, o mesmo homem que me levou embora da minha mãe, ele me bateu! Saiu sangue...” (E-5)*

*“Na rua eu já fui preso lá no Juizado de algemas, mas não fiquei preso não. Eles pegam a gente joga no carro, bate na gente lá do DPJ” (E-6).*

*“Aí no dia que nós fugimos todo mundo saiu para um rumo e esse outro menino pulou o muro para o lado da detenção e na hora que ele pulou, tem os guardas e fuzilou ele. Foi tiro de fuzil, a cabeça do cara ficou... não deu para ver nada. Eu também via meus próprios colegas matando os outros na frente assim. Agora trem que eu tinha raiva na rua mesmo que eu tinha nojo era a polícia.” (E-7).*

*“O menino de rua quando vai roubando e fazendo muita coisa errada parece que vai mudando o jeito dele de pensar, vai acabando a consciência do humano, parece. Só quer brigar, qualquer coisinha... por cinquenta centavos é capaz de furar o outro, de brigas que têm como evitar e o cara só quer ficar naquela... O cara não sabe evitar uma briga, em qualquer briga é faca, é caco de vidro e sempre rola sangue. Aí é o que eu não gostava, porque rolava briga, muitas pessoas machucadas nas brincadeiras enquanto a gente dormia” (E-8).*

Embora a rua seja lugar de liberdade onde não existem normas e que se aprende a lei da rua é, também, um lugar de incertezas, de insegurança e de violência gratuita mas, este é o preço da liberdade que se tem na rua, onde se deve estar pronto para fazer qualquer coisa para preservar a vida. Em todas as falas que apresentamos aparece a violência física quando a polícia ou uma pessoa conhecida batem, roubam de mão armada ou quando a morte violenta acontece diante dos próprios olhos.

A violência é percebida, segundo CHAUÍ (1995), fundamentalmente como exercício da força física e da coação psíquica para forçar uma pessoa a fazer algo contrário ao seus interesses, seu corpo ou à sua consciência o que pode trazer-lhe conseqüências irremediáveis como a morte, auto - agressão ou agressão a outros. No último fragmento de fala apresentado o menino diz que “vai acabando a consciência do humano” e entendemos com isso que na rua, o menino vai perdendo aos poucos sua capacidade de tomar decisões, tornando-se impulsivo e agressivo quando uma simples brincadeira ou uma discussão por motivo fútil pode terminar em sangue e morte. De acordo com o que trouxemos anteriormente de DEL COLLADO (1995), estas crianças e adolescentes vivem uma intensa fragilidade emocional e física a qual muitas vezes as coloca em

situação de angústia, de ressentimento e desprezo tanto pela própria vida quanto pela alheia o que as leva a tratar os outros com a mesma violência com que são tratados.

De acordo com o que vimos anteriormente na literatura, a violência não é exclusividade de um grupo social e nem se restringe a espaços físicos delimitados ocorrendo não só nos espaços públicos mas também no âmbito privado das famílias. Dessa maneira é possível observarmos nestas falas os dois processos de produção de crianças ou adolescentes vítimas na sociedade brasileira, apresentados por AZEVEDO & GUERRA (1989), isto é, a violação dos direitos humanos e os maus tratos através da violência física e psicológica.

Portanto, a violência está presente nas casas dos meninos que experimentaram a vida na rua podendo ser um fator decisivo para que estes saiam de casa em busca de um mundo melhor para viver encontrando na rua uma alternativa. Retomando as reflexões de ALVES (1992) e PRADO & GOMES (1993) de que a pobreza e a miséria, enquanto reflexos das desigualdades na distribuição de renda no país são fatores básicos no processo de origem dos meninos e meninas em situação de rua, atingem diretamente a estrutura e dinâmica familiar gerando problemas de relacionamento entre os membros da família e impulsionando a vinda das crianças à rua para escapar da violência doméstica e, ao mesmo tempo, em busca de fontes geradoras de renda. No entanto, quando chegam naquele espaço e na luta inseqüente pela sobrevivência tornam-se vítimas da violência dos próprios colegas, da polícia, de grupos de extermínio e da própria sociedade. Nesse sentido MINAYO (1993b) observa que esta violência estrutural que leva crianças e adolescentes ao êxodo

de suas casas em direção à rua, se junta à violência dos adultos delinquentes que os vitimam e vitimizam, utilizando-os como parceiros precoces de seus delitos, condenando-os à mendicância, aos roubos, ao uso e tráfico de drogas e ao extermínio.

A violência física está presente, portanto, quando descrevem as agressões que sofrem em casa por seus familiares e na rua seja pelos policiais ou por outros membros do grupo e, também, quando sentem fome, frio, dificuldades de conseguir roupas e manter a higiene corporal. Segundo os meninos, viver na rua era a única opção para escapar da violência que sofriam em casa:

*“Meu pai separou da minha mãe, ele bebia muito... me batia. Minha madrasta me batia também e ficava só me expulsando de casa. Aí teve um dia que eu me soltei para a rua e não voltei mais”*  
(E-1).

Nesta fala observamos estar implícito o conflito familiar, a violência doméstica e o enfraquecimento dos laços entre o menino e os responsáveis por seu cuidado como um fator que impulsionou a saída do menino para a rua. Este aspecto é bastante enfatizado por vários autores tais como AZEVEDO & GUERRA (1989), CRUZ NETO *et all.* (1993), PRADO & GOMES (1993), SANTOS (1995), BECKER (1997), entre outros conforme apresentamos e discutimos anteriormente. Segundo MINAYO & ASSIS (1993), no espaço doméstico é onde se manifesta a violência contra a criança através de agressões físicas, abuso psicológico e sexual, negligência e abandono sendo, os pais, os principais agressores.

No entanto observamos nesta fala anterior que, associado à violência está o consumo de bebida alcoólica pelos pais. CRUZ NETO *et al.* (1993) apontam que, o consumo de substâncias tóxicas (entre elas o álcool, a cola de sapateiro e a maconha) por familiares de crianças que estavam na rua em processo de rompimento ou que já haviam rompido os vínculos com a família, está diretamente relacionado aos comportamentos agressivos da criança e do adolescente.

Este lado violento da rua aparece pouco explícito nas fotografias. No entanto algumas sugerem a preocupação com a polícia e, também, com as atitudes dos colegas da rua conforme podemos observar nas fotografias que apresentamos em seguida:



FOTO 30-05

A polícia é fotografada de costas, pelo outro lado da rua sem que percebam: medo?



FOTO 31-04

Dedo em riste sugerindo ameaça por um colega da rua

A violência psicológica manifesta-se nas falas ao apontarem o sofrimento em casa ou nas ruas pela humilhação constante, preconceito e desprezo pela família e sociedade, além do medo das ameaças de morte e de morrer, seja por ação dos próprios membros do grupo de meninos na rua, polícia ou outros:

*“Minha madrasta judiava muito de minhas irmãs perto de mim e do meu irmão. Ela ficava maltratando a gente, falando que a gente não era filho dela, que meu pai não gostava de nós que gostava dela, né?” (E-3)*

*“Lá na minha tia, a minha família, eu fiquei tendo preconceito assim, parece que eles sabiam que eu era menino de rua...” (E-8).*

*“Dentro da cadeia eles ficaram me ameaçando, alugando a minha cabeça, que ia matar me matar quando eu saísse para fora” (E-7).*

Quanto à violação dos Direitos Humanos, podemos afirmar que além de estar implícita nestes aspectos da violência que acabamos de discutir, aparece nas falas quando explicam os motivos que os levaram às ruas agravando-se ainda mais a cada situação vivida pelas ruas. Seus direitos são feridos no momento em que seus familiares têm dificuldades de acesso ao trabalho em condições e remuneração justas, lazer, emprego, alimentação, habitação, educação, remuneração justas, lazer, emprego, alimentação, habitação, educação, saúde entre outros e, com isso, crescem em um meio marcado pela pobreza, fome habitações insalubres, violência, ensino precário e sistema de saúde deficiente. Como consequência desta situação as crianças e os adolescentes procuram a rua como alternativa de sobrevivência.

Isto significa que não podemos desconsiderar que as famílias que abandonam seus filhos também sofrem as conseqüências perversas do abandono pelo Estado, através de suas políticas públicas desarticuladas e excludentes, assim como pela sociedade (SANTOS, 1995). Também se manifestam nos indicadores sociais que atestam as más condições de vida de milhares de famílias brasileiras conforme afirmam SANTOS (1995) e BECKER (1997). Nesse sentido, concordamos com ALVES (1992) e CARVALHO & GUARÁ (1994) que, o apoio às famílias que possuem crianças na rua é imprescindível e deve estar alicerçado na compreensão da dinâmica familiar e das determinações estruturais dos problemas que as envolvem.

Embora isolado, identificamos na fala de um dos meninos, um aspecto importante na construção das representações sociais referindo-se ao significado da violência implícita na “lei do cano” onde, a rua aparece como sua casa porque não tinha nenhum lugar para ficar e nem família, não caracterizando portanto, um lugar de “curtição”.

DA MATTA (1997), aponta que existem espaços na rua que podem ser fechados ou apropriados por um grupo, categoria social ou pessoas, tornando o ponto em que vivem, a sua casa, isto é, tais pessoas ocupam espaços da rua e ali vivem como se estivessem em casa. Segundo a fala do menino, a sua única solução e opção consistia em viver na rua:

*“Parecia a minha casa, por causa de que eu não tinha casa e o único lugar para eu morar era na rua mesmo, né?... Porque... eu não tinha nenhuma, não tinha lugar para ficar... por isso eu fui para a rua” (E-5).*



Também é possível observarmos em algumas falas que a rua não tem lugar de destaque nos planos dos meninos para o futuro:

*“A rua para mim era uma perda de tempo porque, tem hora que eu paro para pensar assim, o tempo que fiquei na rua, conheci muitas pessoas e tal, mas nada dá fruto, porque o que tenho hoje? Nada!”*  
(E-4)

*“Quería uma vida melhor fora da rua”* (E-6).

*“Esse negócio de rua não presta mais. A rua já foi bom, mas hoje tem muita violência, não sei...”* (E-7)

*“Tem menino que não vê, parece que eles não têm consciência para aquilo que ele está gravado é o futuro para trás e começam a fazer aquilo e não quer parar. O cara começa aprontando vai piorando. Fui vendo que aquilo também estava errado, mas no começo eu gostava muito. Depois de um tempo que a gente faz aquilo todo dia roubando, aprontando, a gente vai enjoando”* (E-8).

No entanto a rua hoje para os meninos representa um passado ruim que não querem mais de volta, pelo menos em suas falas. Um deles quer ser Pastor futuramente, outro quer trabalhar, outro prosseguir nos estudos e até escrever um livro sobre suas experiências de vida nas ruas. Embora isto esteja presente em seus discursos não foi exatamente o que aconteceu como discutimos no início deste capítulo ao caracterizarmos os atores do estudo, isto é, a vida de cada um assumiu um rumo inesperado e a maioria retornou à rua.

A “Lei do Cano” pode ser entendida de várias maneiras mas, diante destes aspectos discutidos observamos que assume o significado da violência a que estão sujeitos na rua. Assim, a Lei do Cano assume seus contornos quando falam do medo de morrer a qualquer hora, de ser pego pelos colegas ou pela polícia enfim, as pressões que sofrem. Além disso, têm que estar sempre prontos

para fazer qualquer coisa seja para manterem sua integridade física ou, até mesmo, moral.

Em um dos casos estudados por MOURA (1993), sobre “meninos e meninas de rua” de Goiânia, observamos semelhantes nuances a esta categoria em discussão e análise. Um dos meninos entrevistados pelo autor relata que quando resolve ir para casa, um dos seus colegas vai buscá-lo oferecendo drogas e sempre o convence a retornar para o centro da cidade, também, com a promessa de ganhar dinheiro fácil. Embora algumas vezes ele retorna à rua por vontade própria, outras sente-se coagido e volta pois tem medo de que o outro o pegue para bater.

Também é possível percebermos nos discursos o medo velado da polícia que bate, que prende e que, em situações extremas, pode até matar como relata o menino. Porém esta violência não é nenhum fato isolado pois, freqüentemente a imprensa tanto escrita quanto falada noticiam casos de abuso de poder, que não ocorrem somente no Brasil, quando, muitas vezes, policiais sem preparo espancam crianças e adolescentes pelo simples fato de estarem nas ruas. Os “meninos de rua”, segundo SILVA (1993), compreendem o papel da polícia ora como proteção ora como repressão e violência, sendo que, os maiores problemas se referem àqueles que praticam atos “anti-sociais”. A partir das observações deste autor, tais condutas não significam exclusivamente furto ou outras infrações mais graves mas, também, por “perambulação”, arruaças ou atitudes suspeitas.

Segundo GUERRA & AZEVEDO (1989), a principal denúncia das crianças e dos adolescentes que estão nas ruas é a da repressão manifesta de

diversas formas. Entre elas, as autoras apontam basicamente dois tipos sendo um deles, a ação arbitrária da polícia que muitas vezes não obedece a critérios e análise no ato de abordagem. O outro, a aparente segurança proporcionadas pelos chefes de gangues, os quais estabelecem sobre eles a sua dominação em troca de favores, através da qual os meninos se vêem praticamente forçados a colaborar com o crime organizado. Assim acabam se tornando alvos fáceis para a repressão policial.

Finalizando é importante salientarmos que na leitura transversal das entrevistas, a questão da violência (de modo mais genérico) apresenta-se de maneira constante permeando todas as falas dos meninos. O sentido que compreendemos que atribuem a isto é o de que este é o preço exigido pela liberdade que têm para fazerem o que quiserem na rua, isto é, pela diversão que ali buscam e muitas vezes encontram ou, ainda, que pagam compulsoriamente por não terem outra opção de vida. Nesse sentido, para aprofundarmos a discussão sobre estas questões, partimos para a análise e discussão das categorias empíricas que emergiram no conjunto das falas dos atores sociais deste estudo.